

*Resenhas***UM ROMANCE POLICIAL SOBRE A INSIGNIFICÂNCIA HUMANA:
RESENHA DE *SOBRE OS OSSOS DOS MORTOS*, DE OLGA TOKARCZUK**

TOKARCZUK, Olga. *Sobre os ossos dos mortos*. São Paulo: Todavia, 2019.

*Sergio Schargel**

“retira da realidade a sua qualidade mais importante – sua inexpressividade”
(TOKARCZUK, 2019, p. 54).

No Brasil, nada se sabia de Olga Tokarczuk quando a polonesa venceu o Prêmio Nobel de 2018, revelado apenas no ano seguinte graças a um escândalo na academia sueca. Mantendo uma tradição, a obra da vencedora somente começou a ser distribuída com mais atenção no país após a entrega do prêmio. É nesse contexto que a Editora Todavia aproveitou a oportunidade de trazer *Sobre os ossos dos mortos* para o português, com a certeza de que um laureado é invariavelmente garantia de venda e crítica.

Sem entrar no mérito do Nobel em si, mesmo pela impossibilidade de julgar sem conhecer o resto da fortuna artística da autora, *Sobre os ossos dos mortos* oferece uma perspectiva idiossincrática peculiar e interessante. Resumindo: a história gira em torno de uma solitária e excêntrica idosa em uma vila perdida do resto do mundo no interior da Polônia. Conforme caçadores começam a aparecer mortos, a protagonista levanta a possibilidade, inicialmente ignorada, mas depois levada a sério, de que os animais estariam se vingando da violência perpetrada. Tem início, então, uma espécie peculiar de romance policial.

Sim, romance policial. Como argumenta Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2020), há uma particularidade que diferencia o romance policial do romance criminal: a existência do

* Doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (Usp). Mestre em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-RJ). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Bolsista CAPES.

enigma. Sem o enigma como força motriz de um enredo que gire em torno de um crime, não faz sentido enquadrar a obra como gênero policial. *Sobre os ossos dos mortos* é um romance policial por excelência, nesse sentido. O enigma está dado: quem matou? Por que matou? O livro de Tokarczuk joga habilmente com as estruturas do gênero para flexibilizá-lo. Porque na prática, ainda que o enigma seja o motor narrativo, ele importa menos do que as nuances narrativas.

A grande questão do livro é explícita, mesmo em sua capa, e tampouco inovadora: em que ponto começa o animal e termina o humano? A protagonista, isolada, solitária, agressiva, se encontra no limite entre a besta e o homem. Ao mesmo tempo, a crueldade cínica dos perpetradores não deixa de imprimir outra questão prática: se tratando de figuras de uma violência desumana não seriam elas próprias, em si, inerentemente humanas?

Nesse sentido, o ambiente não poderia ser mais propício: uma cidade esquecida do universo, em um ambiente tipicamente religioso e conservador como a Polônia. O cenário mostra-se um protagonista mais interessante do que a esquecível narradora, conforme molda as relações entre os personagens e influência em suas ações. O meio rural polonês, ele próprio na fronteira entre homem e animal, atua como mola propulsora do enredo.

Um cenário propício para outro ponto que aparece como sombra durante *Sobre os ossos dos mortos*: a mistura entre niilismo e tanatofilia. Presente já no título, Tokarczuk não diviniza a morte ou a trata como sobrenatural. Ao contrário, a morte atua como elo comum que une a fronteira perdida do animal e do homem, sem hierarquia em seu valor. Um lembrete mórbido de que, ao final, o tudo ao nada retornará. Nesse sentido, se a morte aparece como uma grande sombra, o niilismo, a ausência de sentido, se faz bastante nítido: “meu esforço é insignificante, cabe na ponta de um alfinete, assim como a minha vida. Convinha me lembrar disso” (TOKARCZUK, 2019, p. 57). A protagonista se entende e se aceita como não mais relevante do que uma pedra no largo escopo do universo, e, por isso mesmo, sem importância. De onde se depreende o prazer que sente ao observar o cosmos e sentir que, afinal, talvez não seja tão descartável. Um fragmento do universo, que não compreende em sua totalidade, mas que se torna uno com a fauna e a flora.

A ideia do humano como um pedaço descartável de um todo não falha em encontrar eco, tenha sido proposital ou não, na filosofia do pessimista alemão Philip Mainländer. As ideias de Mainländer podem ser resumidas em sua proposta de que todos os seres vivem à morte. Mais do que apenas uma pulsão de morte, o filósofo alemão defende que a morte é o fim último da vida, o ponto de inflexão que une todas as bilhões de individualidades, inclusive a fauna e a flora, no nada cósmico. Dessa forma, esses bilhões se amalgamam no infinito, e,

assim como se faz presente no livro de Tokarczuk, o tudo ao nada retorna. Ou, como diz Frederick Beiser em sua análise sobre a obra de Mainländer: “Vivemos apenas para morrer, porque o anseio mais profundo em todos nós é a paz e a tranquilidade, que só nos é concedida na morte” (BEISER 2016, 218, tradução livre).

Na verdade, Tokarczuk não esconde sua defesa do irracionalismo. Para ela, a fonte do sofrimento humano advém de se saber racional e, por isso, mortal. Assim, o universo animal é louvado na proporção em que a racionalidade do homem é desprezada: “o mundo é uma prisão cheia de sofrimento, construída de tal forma que, para sobreviver, é preciso causar dor aos outros” (TOKARCZUK, 2019, p. 104). Ou, em outra passagem, quando fala que a consciência e o bem-estar são, na prática, contraditórios: se o humano tivesse ciência de sua situação no mundo, se enforcaria com o cordão umbilical (TOKARCZUK, 2019, p. 119). Enquanto incapaz da abstração da morte, o animal não sofre a ansiedade de seus efeitos sendo, portanto, abençoado.

O livro de Tokarczuk não é exatamente inovador, tanto em termos de forma quanto de conteúdo. Mas vale a leitura. A narrativa veloz, aprazível, se condensa com o cenário idílico de um interior esquecido pelo resto da humanidade, onde animal e gente se amalgamam em massa amorfa e indefinida. *Sobre os ossos dos mortos* é uma ode à irracionalidade, conforme apresenta um romance policial peculiar em que a morte e a impotência humana frente a ela se confirmam como união das fronteiras turvas entre homem e animal.

REFERÊNCIAS

BEISER, Frederick C. *Weltschmerz: pessimism in German philosophy 1860–1900*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *A ficção equilibrada: narrativa, cotidiano e política*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto*. Trad. Agostinho D’Ornellas. São Paulo: Martin Claret, 2011.

Recebido em: 05/01/2021.

Aprovado em: 16/11/2021.